

SER, LINGUAGEM E TÉCNICA: A DIMENSÃO POÉTICA DO HABITAR

Poliana Emanuela da Costa*

RESUMO: O presente artigo analisa a proposta de Heidegger de reordenar a linguagem como caminho para uma nova ontologia, tomando como referência a transição de “Ser e Tempo” para o chamado “segundo Heidegger”. O fracasso de “Ser e Tempo” em superar a metafísica, segundo seus intérpretes, deve-se ao fato de que Heidegger ainda operava com uma linguagem herdada da tradição ocidental. Essa constatação leva o filósofo a investigar a própria essência da linguagem, compreendendo-a não como mero instrumento, mas como o lugar privilegiado de manifestação do Ser. Em contraposição à linguagem técnica e instrumental, predominante na modernidade, Heidegger reivindica uma linguagem capaz de abrir espaços de sentido originário, preservando a alteridade dos entes e a experiência ontológica do *Dasein*. A modernidade, ao reduzir a linguagem à função informativa, compromete sua dimensão originária e transforma o real em mero objeto manipulável. A técnica moderna, nesse processo, não apenas submete a linguagem às exigências do cálculo, mas absolutiza sua dimensão instrumental, apagando a possibilidade de uma experiência poética e ontológica do Ser. O artigo conclui que a proposta heideggeriana de um “outro começo” passa necessariamente pela recuperação da linguagem enquanto acontecimento do Ser, capaz de devolver ao homem uma relação mais originária com o mundo.

Palavras-chave: Heidegger. *Dasein*. Ontologia. Linguagem. Técnica moderna.

INTRODUÇÃO

O itinerário filosófico de Martin Heidegger revela uma inflexão decisiva a partir dos anos 30, quando o filósofo reconhece os limites de “Ser e Tempo” (1927) diante da linguagem metafísica. A inquietação central de Heidegger se desloca, então, para a linguagem, compreendida como o espaço onde o Ser se mostra. Nesse contexto, a técnica moderna representa tanto a culminância da metafísica quanto o perigo que obscurece a essência da linguagem, reduzindo-a a mero instrumento de informação.

* Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2014). Possui Especialização em Educação na área de Currículo e Ensino (UERN/2010). Graduada em Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN/2007. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC/ 2021). E-mail: poliana.costa@ifce.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9652-8349>

A obra “Ser e Tempo” (1927) marcou profundamente a filosofia do século XX, ao propor uma analítica existencial que buscava compreender o sentido do Ser a partir da existência concreta do *Dasein*. Contudo, os próprios intérpretes de Heidegger, como Ernildo Stein (2002), reconhecem que o projeto acabou enredado pela linguagem da metafísica ocidental, pois tentava “dizer o impensado da metafísica” utilizando a mesma linguagem lógica que reduz o Ser a ente. Essa insuficiência levou Heidegger, a partir dos anos 30, a reposicionar o problema ontológico e a buscar novos caminhos para a questão do Ser.

O filósofo identifica, então, que a dificuldade fundamental está na linguagem. As línguas ocidentais observa Heidegger (1983), são marcadas pela onto-teo-logia da tradição metafísica, o que levanta a questão de saber se nelas ainda seria possível encontrar possibilidades originárias de dizer. Nesse contexto, sua reflexão passa a centrar-se na necessidade de reordenar a linguagem, deslocando-a de sua função representativa e técnica, para compreendê-la como lugar privilegiado da manifestação do Ser.

A técnica moderna, enquanto consumação da metafísica exacerba esse problema. Ela reduz a linguagem à mera informação, subordinando-a ao cálculo e à manipulação, o que, segundo Manfredo Oliveira (2001), caracteriza a essência da técnica contemporânea. Para Heidegger, esse processo não apenas empobrece a experiência da linguagem, mas impede que o homem realize uma relação originária com o Ser. Por isso, sua proposta de um “outro começo” implica recuperar a dimensão criadora e originária da palavra, capaz de abrir lampejos de sentido e resistir à homogeneização técnica.

A REORDENAÇÃO DA LINGUAGEM E A ABERTURA DO SER POÉTICO

Heidegger constata que sua analítica existencial em “Ser e Tempo” (1927), ainda permanecia presa aos moldes da metafísica, especialmente pela linguagem herdada da tradição. Surge, então, a necessidade de reconstruir as bases linguísticas do pensamento, desenvolvendo um vocabulário próprio para expressar a cotidianidade do *Dasein* sem reduzi-la à objetificação. A linguagem, nesse sentido, não é representação, mas condição originária de acesso ao Ser.

Um dos traços mais marcantes da modernidade, segundo Heidegger, é justamente a construção de um mundo paralelo que pretende corresponder à essência do homem moderno. Essa essência, porém, não surge de modo intempestivo: ela se enraíza na metafísica ocidental e alcança sua culminância na técnica contemporânea. A modernidade aparece, assim, como

herdeira de um longo processo de esquecimento do Ser, iniciado já na tradição metafísica, que direciona o homem a buscar uma essência em algo que ele não habita verdadeiramente.

A pergunta que se coloca, portanto, é se devemos seguir o caminho traçado pela técnica moderna continuando o percurso da metafísica ou dar um passo atrás rumo ao que foi esquecido. Esse “passo de volta” não implica recusar a história, mas questionar se o que se consolidou como “natural” e inevitável corresponde ao essencial. Nesse horizonte, a conferência “Construir, Habitar”, Pensar (2008) torna-se decisiva, pois Heidegger propõe repensar o sentido originário de *bauen* (construir), compreendido não como mero erguer de edifícios, mas como *habitar*. Vejamos:

Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz habitar. A antiga palavra *bauen* (construir) diz que o homem é à medida que habita. A palavra *bauen* (construir), porém, significa ao mesmo tempo: proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha. Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos. No sentido de proteger e cultivar, construir não é o mesmo que produzir. (Heidegger, 2008, p.127).

No início da conferência, Heidegger distingue o construir do habitar, indicando que pontes, estradas ou hangares, embora não sejam habitações no sentido imediato, pertencem ao âmbito do habitar humano, pois todo construir se ordena a ele (HEIDEGGER, 2008, p.125-126). Essa discussão retoma, em outro registro, a noção de *ser-no-mundo* apresentada em “Ser e Tempo” (1927). Entretanto, aqui, o filósofo aprofunda a análise do nexos ontológico entre ser, homem e mundo, mostrando que o habitar é a condição fundamental do existir humano.

O problema é que, na modernidade, o homem constrói não a partir da consciência essencial de habitar, mas a partir da exigência de produzir, planejar e dominar. O que poderia ser um demorar-se nas coisas em sua manifestação própria transforma-se em um estado fugitivo, ditado pela provocação da técnica. Assim, construir passa a ser apenas um meio para habitar, subordinado ao cálculo e à eficácia. Esse processo desfigura o sentido originário do habitar, submetendo-o ao predomínio da racionalidade instrumental.

É nesse ponto que a linguagem assume um papel decisivo. Para Heidegger, habitar essencialmente significa também dizer originariamente. A linguagem não é um simples instrumento humano de comunicação, mas o lugar onde o Ser se manifesta: “O homem se comporta como se fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo a senhora do homem” (HEIDEGGER, 2008, p.126). Ao reduzir a linguagem à função expressiva e técnica, a modernidade reforça a estranheza do homem em relação ao Ser. Recuperar o habitar

exige, portanto, recuperar uma relação singular com a linguagem, compreendendo-a como acontecimento originário e não como mero recurso de expressão.

Após a publicação de “Ser e Tempo”, Heidegger percebeu que a própria linguagem de sua analítica existencial ainda permanecia marcada pelos moldes da tradição metafísica. Embora o projeto tivesse o intuito de ultrapassar o horizonte da metafísica ocidental, a forma de expressão acabava reconduzindo seus conceitos para dentro da lógica do ente, dificultando o acesso originário ao Ser. Por isso, a partir da década de 1930, Heidegger passa a reorientar sua investigação, abrindo caminho para o que se convencionou chamar de a “virada” (*Kehre*) em seu pensamento. De acordo com Heidegger:

A dificuldade está na linguagem. Nossas línguas ocidentais são, de maneiras sempre diversas, línguas do pensamento metafísico. Fica aberta a questão se a essência das línguas ocidentais é em si puramente metafísica e, por conseguinte, em definitivo caracterizada pela onto-teo-lógica, ou se estas línguas garantem outras possibilidades de dizer e isto significa ao mesmo tempo possibilidades do não-dizer que diz. (Heidegger, 1983, p.202.).

Nesse novo momento, a tarefa não é simplesmente corrigir Ser e Tempo, mas reconstruir as bases mesmas da linguagem do pensar. Heidegger reconhece que o vocabulário herdado da tradição, mesmo quando ressignificado, carregava consigo a tendência de objetificar o Ser, reduzindo-o ao estatuto de coisa ou presença constante. O problema, portanto, não se limita ao método ou ao conteúdo de sua filosofia, mas atinge o próprio modo de dizer. Ernildo Stein (2002) sintetiza essa dificuldade:

O aspecto que mais impressionou os intérpretes de Heidegger foi a atribuição de seu fracasso em Ser e Tempo à linguagem da metafísica. Então se diz, “se o filósofo queria dizer o impensado da metafísica, este não poderia ser dito com a linguagem da lógica, a linguagem que só diz o ser dos entes e não o ser.” (STEIN, 2002, p. 78). A partir dessa constatação, Heidegger assume como tarefa repensar a linguagem não mais como mero instrumento do pensamento, mas como condição originária do próprio acesso ao Ser. É por isso que, em seus escritos posteriores, sobretudo nas conferências dos anos 1940 e 1950, a linguagem aparece como “casa do Ser”. Nela não se trata de descrever o mundo a partir de categorias conceituais prontas, mas de deixar-se interpelar pelo próprio acontecer do Ser, permitindo que ele se diga a si mesmo.

Essa reordenação da linguagem marca, portanto, a passagem de um projeto analítico-existencial centrado no *Dasein* para uma meditação ontológica mais ampla, na qual o homem não aparece como senhor do dizer, mas como aquele que habita e escuta a linguagem. Trata-se de uma inversão decisiva: o homem já não é criador de significados, mas guardião da abertura

na qual o Ser se revela. Nesse sentido, a nova ontologia heideggeriana é inseparável de um novo modo de dizer, que abandona a objetificação e busca recuperar a dimensão poética do pensar.

Nas palavras de Heidegger:

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é o ser vivo dotado de linguagem. Essa definição não diz apenas que, dentre muitas outras faculdades, o homem também possui a de falar. Nela se diz que a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem. Enquanto aquele que fala, o homem é: homem (Heidegger, 2003, p. 7).

A citação evidencia que, para Heidegger, a linguagem não é um simples atributo humano, nem uma faculdade entre outras, mas aquilo que funda a própria condição de ser do homem. Falar não é um ato arbitrário ou meramente comunicativo, mas o modo essencial pelo qual o homem habita o mundo e se relaciona com o Ser. É nesse sentido que a linguagem ultrapassa o caráter de instrumento, isto é, não serve apenas para designar ou representar entes, mas abre um espaço no qual o Ser pode se manifestar. Quando Heidegger insiste que o homem é aquele que fala, ele indica que a linguagem constitui a essência da existência humana, revelando-nos não como sujeitos produtores de significados, mas como guardiões de uma abertura que nos antecede e nos atravessa.

Desse modo, a reordenação da linguagem em Heidegger representa mais que uma mudança de estilo filosófico, antes, é a condição para a elaboração de uma nova ontologia, livre dos limites impostos pela tradição metafísica. Ao recuperar o caráter originário e poético da linguagem, Heidegger inaugura uma via de pensamento que busca reconciliar o homem com o Ser, preservando a possibilidade de um dizer não dominador, mas acolhedor. Essa virada, ao mesmo tempo crítica e criadora, oferece o pano de fundo necessário para compreender como sua filosofia se articula com a questão da técnica, pois é justamente no modo como falamos e deixamos falar o Ser que se decide se a técnica será apenas instrumento de dominação ou possibilidade de abertura para uma experiência mais autêntica do existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida ao longo deste artigo, permitiu perceber que a filosofia de Heidegger não se limita a um esforço de revisão terminológica, mas consiste em uma transformação radical da própria possibilidade de pensar. Ao iniciar em “Ser e Tempo” o projeto da analítica existencial, o filósofo busca deslocar a compreensão tradicional do homem, deixando de concebê-lo como um “animal racional” ou mero sujeito cognoscente, para reconhecê-lo como *Dasein*, isto é, como *ser-aí* lançado no mundo, cujo existir se define pela abertura ao Ser. Nesse horizonte, conceitos como manualidade e circunvisão revelam-se decisivos, pois demonstram que a relação do homem com os entes não é primariamente teórica ou representacional, mas prática, tecida no manuseio cotidiano que deixa emergir o ser dos instrumentos em sua utilidade em um mundo de significados. Ainda assim, essa proximidade com os entes já antecipa uma tensão: ao mesmo tempo em que desvela o caráter ontológico da existência, também pode obscurecer a dimensão mais originária do Ser, submetendo-a a uma lógica de uso e ocupação.

É justamente essa tensão que se amplia quando Heidegger escreve seus escritos posteriores sobre a questão da técnica. A técnica moderna, ao converter o mundo em estoque disponível e manipulável, representa a culminância de um processo histórico de esquecimento do Ser iniciado na metafísica ocidental. O que em Ser e Tempo aparecia como preocupação com a manualidade e a circunvisão, agora se radicaliza na forma de uma provocação sistemática, em que a natureza e o próprio homem são reduzidos à funcionalidade. Contudo, ao invés de ceder a leituras simplistas que classificam a técnica como benéfica ou nociva, Heidegger propõe interrogar sua essência. É nesse ponto que se evidencia a importância de sua reordenação da linguagem: somente ao romper com o vocabulário objetificante herdado da tradição é possível abrir espaço para um dizer poético, capaz de recuperar a proximidade originária com o Ser.

A virada linguística em Heidegger, longe de ser um detalhe estilístico, assume assim o papel de condição fundamental para uma nova ontologia. A linguagem deixa de ser compreendida como mero instrumento humano e torna-se o lugar onde o Ser se mostra. O homem, por sua vez, deixa de ser o criador dos significados para tornar-se guardião da abertura do Ser. Tal perspectiva não apenas redefine a compreensão de existência, mas também reposiciona a reflexão sobre a técnica: se sua essência coincide com o processo de entificação

do Ser, então nela também se encontra uma possibilidade de salvação, isto é, de reconduzir o pensamento a um outro modo de habitar o mundo.

Portanto, a filosofia heideggeriana não oferece um simples diagnóstico da modernidade, mas a indicação de um caminho alternativo. Ao reconectar a existência humana ao horizonte do Ser por meio da linguagem, Heidegger aponta para a necessidade de uma postura de serenidade, que não busca dominar nem subjugar os entes, mas acolher sua manifestação própria. Em um tempo marcado pela hegemonia da racionalidade instrumental e pelo avanço incontrolado da técnica, sua proposta se mantém atual e provocadora: pensar não como cálculo, mas como escuta; habitar não como exploração, mas como cuidado; falar não como expressão, mas como acontecimento originário. Somente nesse horizonte é possível vislumbrar uma reconciliação entre homem, mundo e Ser reconciliação que não se confunde com retorno nostálgico, mas com a abertura de novas possibilidades para o existir humano.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **A constituição Onto-Teo-Lógica da metafísica**. In: COLEÇÃO OS PENSADORES. Martin Heidegger. São Paulo: Abril cultural, 1983.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: Ensaio e conferências. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **“... poeticamente o homem habita...”**. In: Ensaio e conferências. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Shuback. Petrópolis: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Manfredo. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Marin Heidegger**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.